



OS MULTILETRAMENTOS: OFICINA DE GRAMÁTICA E METALINGUAGEM ¹

Autor: Ewerton Lucas de Mélo Marques ² **Orientador:** Manassés Morais Xavier ³

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

ewertonlucas.marques@gmail.com

Resumo: Este artigo mostra a importância de conhecer os multiletramentos. Remete-nos a importância de nos aprofundar sobre os conhecimentos acerca de multiletramentos e metalinguagem para proporcionar aos discentes melhores capacidades de aquisição linguística e literária, uma vez que devido ao déficit linguístico que muitos dos alunos da Rede Brasileira de Ensino possuem, os profissionais de Letras estão cada vez mais alertados com as questões de ensino de metalinguagem, pois os conhecimentos gramaticais e metalinguísticos proporcionam soluções para esta problemática, que cada vez mais reflete nas provas externas e internas submetidas aos alunos. Para a fundamentação deste trabalho há como base teórica o livro (*Oficina de Gramática: metalinguagem para principiantes*) de Kleiman e Supulveda com as concepções de gramática e metalinguagem para a aprendizagem discente.

Palavras-chave: Multiletramentos; Metalinguagem; Ensino; Gêneros textuais; Gêneros discursivos.

1. Considerações iniciais

Na Pós Modernidade, época esta que vivenciamos é atravessada por grandes inovações tecnológicas e humanistas. A educação e aquisição linguística como elementos inerentes ao homem também sofreram mudanças e inovações, estas mudanças proporcionaram ao homem uma nova dimensão social/interacional.

Ao destacar à interação temos como principal “ponte mediadora”, à linguagem, para melhor explicar nos valem do que afirma (BAKHITIN E VOLOCHINOV, 2010, p. 127) “A verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, realizado através da enunciação ou das enunciações.” Em outras palavras, não há interação

¹ Trabalho apresentado no GT 1: *Os Multiletramentos e o Ensino de Língua Materna*. (CONBRALE) Congresso Brasileiro Sobre Letramentos e Dificuldades de Aprendizagem, 24 – 26 de julho de 2017.

² Estudante da licenciatura em Letras Língua Portuguesa – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. (ewertonlucas.marques@gmail.com)

³ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (2009). Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo - (2011) e Licenciado em Letras - Língua Portuguesa - (2007), ambas graduações pela Universidade Estadual da Paraíba. Professor de Língua Portuguesa e Linguística da Unidade Acadêmica de Letras, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande.

sem a manifestação da linguagem. Tudo há um início, isto é, na aquisição **gramatical**, lexical, linguística e **metalinguística** não é diferente. Porquanto, em determinada instancia de nossas vidas, entraremos em contato com estes conhecimentos até mesmo os que não possuem uma formação educacional formal conhecem as ordens sintagmáticas e lexicais das formações de fares e discursos.

A linguagem é o elemento fundamental para que haja interação social, conforme observado anteriormente em Bakhtin e Volochinov. Porém, ela é um objeto delicado de análise. Por esta razão, ela se explica através dela mesma, ou seja, por meio da **metalinguagem**, termo este que será analisado posteriormente, neste artigo, à luz das contribuições de Angela Kleiman.

É impossível estudar a linguagem sem o seu manual, ou seja, uma gramática. Em termos de gramática há duas fundamentais defendidas (CÂMARA JR., 1999), (POSSENTI, 2001) e (TAVAGLIA, 2000); a Estrutural e a Normativa, pois estas estudam as normas da língua, em termos cultos. Nos cursos de graduação, algumas destas gramáticas são vistas com olhares de retração para utilização em sala de aula, no entanto, sabemos que isto é uma herança do sistema tradicional de ensino que as utilizavam como objetos de ensino/aprendizagem de forma rígida, vertical e ditatorial. Vejamos a concepção de Bagdo

“A gramática tradicional permanece viva e forte porque, ao longo da história, ela deixou de ser apenas uma tentativa de explicação filosófica para os fenômenos da linguagem humana e foi transformada em mais um dos muitos elementos de dominação de uma parcela da sociedade sobre as demais”. (1999, p.149).

Vemos através de um especialista que a GT continua com o seu poder de explicação da língua e de dominação frente ao âmbito social.

Sabemos que vivemos em um mundo atravessado pelas novas tecnologias, as crianças do século XXI, pós ano dois mil em seguinte vivem a época digital e a Educação pode ver ou ter as novas tecnologias como concorrentes caso não as usem ou não unam-se a elas para criar meios atrativos de ensino para os discentes. Em virtude disto, para a criança mais interessantes e atrativos são os memes da internet, que um texto com a definição de sujeito, verbo e predicado. Neste caso, por que não formar uma maneira híbrida de ensino de gramática com a utilização dos gêneros disponíveis no mundo (virtual) dos alunos com o ensino de gramática e metalinguagem?

Retomando a questão do ensino de gramática, (KLEIMAN, 1992, p. 13) revela que é mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, conhecimento do mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. Por essa visão, para construirmos o sentido do texto temos que

possuir uma base da leitura, e isto pode ser agradável e lúdico nos estudos quando o discente gosta do que está estudando, a leitura torna-se um processo ativo, construtivo e interativo quando o aluno consegue construir o sentido do texto.

Para a dimensão docente concentra-se grande parte da responsabilidade nas mãos dos linguistas (Profissionais de Letras) estimular à prática de leitura, que ao mesmo tempo é a inserção do estudante ao mundo letrado.

Ensinar a escrever segundo a gramática é, obviamente, necessário, pois conforme Bagdo “É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficialmente, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada ‘artificial’ e reprovando como ‘erradas’ as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma”. (1999, p. 52).

Observamos na colocação do autor as concepções defendidas por Câmara JR., Possenti e Travaglia, ditas anteriormente, no tocante as concepções de gramática. A língua deve seguir uma norma. Mesmo em situações defendidas e explicadas pela Sociolinguística Variacionista⁴ em que determinada localidade utilizam alguma variante linguística, estas seguem uma norma ou padrão. Por exemplo: em determinadas localidades nas quais os falantes falam “*Nois vai*” neste caso, esta variante linguística é vista como padrão onde ela é utilizada, porquanto todas as pessoas, nesta localidade “X” a utiliza.

Pode-se alegar que não é o ensino do “velho manual de gramática” que afeta os alunos, sim, as maneiras rígidas de como isto era feito. Kleiman (1993) destaca a importância de investir na formação teórica do professor na área da leitura e cita como exemplo o típico caso do professor recém formado que, ao ingressar na escola repleto de propostas inovadoras, encontra uma estrutura de poder já estabelecida. Esta depreensão do pensamento Kleimiano retoma a ideia e que o ensino de gramática continua rígido em algumas instâncias educativas, e o professor recém formado mesmo com intenções inovadoras são barrados pelo Sistema que, ainda, possui o Paradigma Tradicional, embora muitas vezes implícito como observamos nas depreensões dos conceitos de Rubem Alves em seu livro “*A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.*”

2. Gramática e metalinguagem: indispensáveis para uma vultosa formação discente.

⁴ Sociolinguística Variacionista tem como principal preocupação é com a variação linguística, que ocorre segundo o meio social o qual o indivíduo está inserido. Um dos primeiros estudiosos a desenvolver um trabalho dentro dessa linha de pesquisa foi o americano William Labov.

Conhecer a Língua Materna é conhecer a sua própria identidade, pois à língua em uso revela a beleza dos discursos assim como as diversas variantes que podemos realizar por meio de combinações de sintagmas nos atos de fala. Estas possibilidades da língua citadas, neste artigo, estendem-se deste a Norma Culta até as variantes linguísticas (Sociolinguística). A complexidade de conhecer a língua e as questões gramaticais presentes nela preocupam e indagam até o MEC, vejamos:

O estudo gramatical aparece nos planos curriculares de Português, desde as séries iniciais, sem que os alunos até as séries finais do Ensino Médio, dominem a nomenclatura. Estaria a falha nos alunos? Será que a gramática que se ensina faz sentido para aqueles que sabem gramática porque são falantes nativos? A confusão entre norma e gramaticalidade é o grande problema da gramática ensinada pela escola. O que deveria ser um exercício para o falar/escrever/ler melhor se transforma em uma camisa de força incompreensível. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 1999, p. 137)

Nota-se nesta obra uma defesa em relação ao ensino da Gramática. Foi explanado anteriormente que ensinar gramática e as normas que regem à língua são essenciais (BAGDO, 1999) e (KLEIMAN, 2014; 1993). Como profissionais da área de Letras e/ou Educação sabemos das consequências geradas pelo ensino tradicional de outrora, todavia, é impossível ensinar à Língua sem as suas regras. Mesmo a Linguística Aplicada, à Análise do discurso e tantas outras áreas interligadas às Ciências da Linguagem não são capazes de explicar a Língua caso não usem-na para isto, ou seja, à metalinguagem.

A crítica à gramatiquice e ao normativismo não significa, como pensam alguns desavisados, o abandono da reflexão gramatical e do ensino da norma padrão. Refletir sobre a estrutura da língua e sobre seu funcionamento social é atividade auxiliar indispensável para o domínio da fala e da escrita. E conhecer a norma padrão é parte integrante do amadurecimento das nossas competências linguístico-culturais. O lema aqui deve ser: reflexão gramatical sem gramatiquice e estudo da norma padrão sem normativismo. (FARACO, 2006, p.22)

Conforme declara Faraco (2006), e como foi explicitado anteriormente, a questão do déficit com a gramática está em maior quantidade com a maneira de como ela era (ou é) ensinada de que como ela deve ser ensinada. (KLEIMAN E SEPULVEDA, 2014), descrevem ‘metalinguagem’ como termo essencial para o ensino de gramática. Vemos de forma abrangente e empírica na obra que motivou a escrita deste artigo “*Oficina de Gramática: Metalinguagem para principiantes*” de Kleiman e Sepulveda. Há uma grande importância em conhecer a metalinguagem que é a “Linguagem descritiva das línguas naturais, que permite falar da língua como objeto.” (KLEIMAN E

SEPULVEDA, 2014, p. 157), pois como observasse na obra citada; à língua é complexa, por isso, ela se explica por ela mesma.

Para ensinar as questões metalinguísticas, deve haver uma flexibilidade e consciência de que, devido as demandas de alunos que chegam no ensino, em especial, nos anos finais do Ensino fundamental Regular as aulas de gramática devem se valer dos gêneros, devido aos interesses dos alunos. Trabalhar com os gêneros disponíveis na internet pode ser produtivo, pois “Atualmente, a proposta de ensino de língua materna mais divulgada é aquela que se estrutura com base no ensino do gênero”. (KLEIMAN E SEPULVEDA, 2014, p. 13), porém;

Estudos sobre o ensino de gramática em sala de aula mostram que, geralmente, o professor focaliza o ensino de novas nomenclaturas e a definição de novos objetos linguísticos, não levando em conta aspectos da situação do aluno, como faixa etária, interesses e saberes, nem a falta de atividades didáticas que facilitem a aprendizagem. (KLEIMAN E SEPULVEDA, 2014, p. 13)

Temos com as afirmações das autoras, delicadas situações sobre o ensino da gramática, o profissional de Letras e/ou Educação deve ter a noção que “Não adianta encher a lousa de teoria gramatical, fazer uma apresentação de conteúdos, alguns exercícios, e seguir adiante para cumprir metas irrealizáveis”. (KLEIMAN E SEPULVEDA, 2014, p. 15) Porquanto, “Não faz sentido insistir no ensino de gramática a alunos que nem sequer têm domínio básico da língua padrão.” (PERINI, 2010, P. 39)

Devido ao déficit da não utilização dos gêneros disponíveis para o processo de ensino/aprendizagem os professores devem montar as suas sequencias didáticas (SD) almejando melhores desenvolvimentos linguísticos dos discentes vejamos as considerações de Denise Araújo.

Consideramos que a ideia central de uma SD é a didatização de um gênero cuja produção é processualmente elaborada. Embora, tal conceito tenha sido, em princípio, apresentado para o ensino de escrita, pode e deve ser empregada para o ensino de leitura e de análise linguística. Acreditamos que ensino de um gênero, seja escrito ou oral, implica na realização de procedimentos, atividades e exercícios sistemáticos que envolvem esses três componentes do ensino de língua: leitura, análise linguística e produção. (2013, p. 324-325)

As reflexões da Kleiman e Sepulveda tangem as necessidades que incorporam a educação, pois, vão deste as questões metalinguísticas com atividades sugeridas e empiricamente realizadas por Cida Sepulveda (2014) até as práticas de letramento em que podem ser observadas “[...] a produção de texto que pode ser argumentativo, narrativo ou poético, de diversos gêneros. As práticas de escrita, assim como as de leitura, por mais complicado que sejam os textos estudados, provocam

muita discursão e formação de opinião.” (KLEIMAN E SEPULVEDA, 2014, p. 21) que assemelha-se com a definição de Martelotta, pois “O termo ‘letramento’ refere-se ao processo de ensino/aprendizagem de leitura e produção textual, com vista à formação cidadã, à inserção social.” (2016, p.30)

Nota-se uma questão interacionista ora nas concepções de (KLEIMAN E SEPULVEDA, 2014), ora nas de (MARTELOTTA, 2016), ambas interligam-se com as necessidades de interação. Estas reflexões relembram o conceito Vigotiskiano.

A história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores seria impossível sem um estudo de sua pré história, de suas raízes biológicas, e de seu arranjo orgânico. As raízes do desenvolvimento de duas formas fundamentais, culturais, de comportamento, surge durante a infância: **o uso de instrumentos e a fala humana**. Isso, por si só coloca a infância no centro da pré- história e do desenvolvimento cultural. (VIGOSTKI, 1998, p.61)

Para uma boa formação discente, para que haja um melhor desempenho nas questões de aprendizagem, principalmente com relação as aulas de português precisamos de proporcionar

As aulas de gramática, dialogadas e centradas nos conceitos básicos, entusiasma os alunos que descobrem o saber o prazer de pensar a própria língua, de se envolver em suas tramas e delas sair com maior domínio da ferramenta mais importante que possuem para a sobrevivência (KLEIMAN & SEPULVEDA, p. 25).

3. Os multiletramentos e gêneros textuais: pontes que levam ao letramento.

A nomenclatura *letramento* tem sua etimologia do substantivo, em inglês, *literacy*, que, segundo Saito e Souza (2011), deriva-se do latim *littera*, que significa letra. Na Língua Inglesa, *literacy* significa “alfabetização”, este termo tem dois significados: “um conjunto de habilidades cognitivas e mecânicas de apreensão do código da escrita, e práticas sociais de leitura e de escrita” (SAITO; SOUZA, 2011).

Já no Brasil, há dois termos diferentes: alfabetização e letramento. Pede-se ver uma relação dicotômicas entre estas duas definições. É válido explicitar o conceito de alfabetização, embora não seja o foco deste trabalho, pois, existem algumas pessoas que não distinguem a definição destes dois termos. Segundo (VAL, 2006, p. 19)

Pode-se definir alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras, alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita.

A âmbito do conhecimento é valido salientar, que, no mundo científico, novos conceitos surgem. Por muito tempo, até mesmo na atualidade, o conceito de letramento era confundido com alfabetização. Porém através de estudos sobre o tema, destaca-se, os estudos da professora pesquisadora **Angela B. Kleiman** temos uma ótica do que é letramento. Kleiman, (1995) afirma que: o conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos como tentativa de separar os estudos sobre o “impacto social da escrita” dos estudos sobre a alfabetização. Com relação as interfaces de tangem o letramento precisamos ter um conhecimento específico.

[...] de olhar para o letramento como um conjunto de competências, e a outra, como práticas. Isso também vai dar origem a diferentes olhares na investigação. Um é para avaliar o que as pessoas sabem, entre aspas, sobre a palavra escrita. Esta não considera a perspectiva etnográfica. A outra é o que as pessoas fazem. Aqui esse olhar foi desenhado como Novos Estudos do Letramento: se empenha em ver o que as pessoas fazem com o letramento e como os textos estão integrados na vida das pessoas. (DIONÍSIO, 2007, p. 212)

Conforme vimos na afirmação de Dionísio “[...] *as pessoas fazem com o letramento e como os textos estão integrados na vida das pessoas*” os textos conforme já possuímos um prévio conhecimento, possuem uma subordinação ao gênero. Na atualidade, a Internet, de forma assombrosa, esta tornando-se inerente aos estudantes, porquanto os alunos vivem muitas horas do seu dia em frente a um computador ou a algum aparelho que permite a sua conexão com o mundo virtual.

A partir do modelo ideológico de letramento, (STREET, 1984) deu início aos Novos Estudos de Letramentos, “que consideram o letramento tanto como a aquisição de habilidades, como nas abordagens dominantes, mas como prática socialmente situada, construída, significada e negociada.”

Conforme vimos lemos os jovens estão de forma direta ligados as redes sociais. Esta ligação com os gêneros diversos disponíveis na Internet mostra uma questão multimodal. Conheceremos, pois, as relações de multiletramentos. Trabalhar com os jovens é interessante, pois “[...] essa juventude – nossos alunos – contava já há quinze anos com outras e novas ferramentas de acesso à comunicação e à informação e de agência social, que acarretavam novos letramentos, de caráter multimodal ou multissemiótico” (ROJO, 2012, p. 13).

Na contemporaneidade o uso da linguagem exige outras habilidades devido à necessidade do uso da tecnologia por exemplo: saber acessar um site, enviar um e-mail, download de vídeo e apps, utilizar redes sociais; Skype, Facebook, Messenger, entre outros, conforme as com nossas necessidades é algo comum na a

atualidade. Observamos que todos esses se interligam aos gêneros textuais, desde mensagens, postagens entre outros que fazemos nas redes sociais, geram a necessidade de conhecer cada um desses gêneros.

“Há um novo aluno no ensino básico, acostumado à internet, à computação ubíqua, à diversidade local, à interconexão global, às novas práticas de leitura, e vivendo em um mundo caracterizado pela compressão tempo-espço, ansiando por professores que possam oferecer novas práticas pedagógicas para a construção do saber.” (SIMONE SILVA, 2012, p. 69).

Se temos um novo aluno no ensino devemos ter um novo professor, ou melhor, nos tornar um novo professor para atender as demandas dos alunos que chegam ao ensino com vontade de aprimorar os seus conhecimentos e desejo de aulas que tenham haver com a realidade que eles vivem, ou desejam viver. Williany Silva defende descreve sobre as aulas e destaca: O espaço da sala de aula é, ainda, local de produção e circulação de gêneros textuais, orais e escritos, muitas vezes, não manipulados de modo eficiente por desconhecimento de suas características formais e funções sócio comunicativas” (2013, p. 139).

A mesma autora potencializa as questões discursivas, isto é, o uso e práticas dos discursos em sala de aula, porquanto o domínio do discurso mostra habilidades discursivas, que também pode ser vista com práticas de letramento. Em sua obra **Bog Pedagógicos**, Williany Silva traz também contribuições a respeito das questões de multiletramentos em âmbitos virtuais, pois como (SIMONE SILVA, 2012) destaca “[...] Há um novo aluno no ensino básico, acostumado à internet.”

O blog pedagógico, nos moldes em que estamos defendendo, trata-se de um suporte que disponibiliza ações didáticas (constituídas de vários gêneros), com formato e funcionamento variável a depender do propósito do administrador (potencialmente na figura do professor). Para tanto, a sua construção orienta-se por um objetivo e conteúdo específicos de postagens não só voltadas para o ensino e aprendizagem de atividades escolares, mas também para funcionar como um instrumento de consulta, leitura 10 divulgação de outras produções expostas na rede sob variados gêneros textuais. Evidencia-se um planejamento oriundo de uma situação presencial com audiência presumidamente restrita e prevista- os alunos, mesmo que o administrador não limite tal acessibilidade a esses sujeitos. (WILLIANY SILVA, 2014)

Conforme percebemos em Williany Silva (2014) retomamos a afirmação de Simone Silva (2012) Existe um novo aluno para se trabalhar, por esta razão temos que ter a consciência que “O mestre é o centro da atividade na classe. Ele é o sol do sistema pedagógico” Tardiff e Lassard (2009, p.63). Isto é, o professor é o mediador para o saber, está em sua responsabilidade transformar, moldar, adaptar, aplicar e se preciso fazer uso de outras metodologias para potencializar às práticas de multiletramentos para os seus alunos, Por quanto:

Os papéis do professor e as definições de ensino decorrentes estão implicados no como-fazer a partir dos modelos de ação que regulam a educação. Nesse sentido, o trabalho docente não pode se restringir a



um tipo de ação específica, uma vez que no seu entorno são variáveis para as atividades pedagógicas: a sala de aula, a sua prática docente e, ainda, a constituição dos sujeitos- aluno e professor, construídos com base na interação e negociação dos atores (SILVA, 2014, p. 17)

Para conhecer questões de letramento e multiletramentos precisamos conhecer teóricos, tais como estes presentes deste neste artigo. Uma vez que, no âmbito acadêmico precisamos ter a consciência que somos (seremos) responsáveis como professores/educadores pela formação dos alunos, pois assim como os engenheiros constroem edifícios, os professores (re)constróem vidas e em termos teológicos a vida foi gerada por intermédio do discurso, da língua(gem). “A língua, a palavra são quase tudo na vida humana” destaca (BAKHTIN, 2003, p. 324).

4. Considerações Finais

Os estudos sobre os multiletramentos, letramento e metalinguagem são recentes se comparado com a “alfabetização” por esta razão, cabe aos professores ou graduandos como pesquisadores e construtores dos seus conhecimentos conhecer estes conceitos para conseguirem subsídios para ensinar de forma concisa aos estudantes, que na sua maioria estão carentes de saberes sobre letramento e multiletramentos.

A sala de aula é um ambiente ideal para a promoção de aulas as quais os alunos podem se envolver com os mais diversos gêneros sejam eles orais, escritos, discursivos, entre outros, conforme afirmou (SILVA, 2014). Todavia, devido ao Sistema que regem as escolas o educador pode encontrar dificuldades para realizar alguns trabalhos, por essa razão, as metodologias e conhecimentos adquiridos com questões linguísticas e metalinguísticas são essenciais.

Os discentes estão necessitados de aulas que os transportem para um mundo dos gêneros textuais que eles possuem maior contato, isto é, o disponível no mundo virtual, por isso, é necessário que o professor esteja disposto a trabalhar com estes gêneros, por exemplo, os memes, que divertem a muitos discentes.

A língua quando trabalhada a favor do professor com recursos metodológicos adaptados ao longo de sua experiência podem ser a sua maior tática para conseguir a atenção dos estudantes e trabalhar questões de multiletramentos e metalinguísticos.

O professor, embora, com as dificuldades e as pedras no caminho postas pelo Sistema Tradicional na vida do profissional sempre será o agente



de maior importância na instância do âmbito social, porquanto ele é o arquiteto que forma pessoas e o profissional que irá mediar à linguística formal do aluno através dos ensino e exercícios linguísticos envolvendo a metalinguagem assim como os multiletramentos. No mundo acadêmico a construção científica é constante, por essa razão, conhecer as obras que envolve questões como as abordadas neste artigo são importantes.

Para uma introdução aos conhecimentos sobre letramento e de metalinguagem é válido conhecer as contribuições teóricas da Professora Dra. Angela B. Kleiman, considerada uma das pioneiras nos estudos sobre letramento no Brasil.

Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. 13.ed. Campinas – SP: Papirus, 2012.

ARAÚJO, D. L. *O que é (e como faz) sequência didática?*. Entre palavras. Fortaleza, v.3, n.1, p. 322-334, jan./jul. 2013

BAGNO, M. *Preconceito linguísticos: O que é, como se faz*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

BAKHTIN, M. M; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. In: ROSAS, Patrícia. *Eu para o outro: gotejos de enunciados Bakhtinianos*. Campina Grande: Editora Leve, 2017.

BAKHTIN, M. *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*. In: *Estética da criação verbal*. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 307-335.

DIONÍSIO, M. L. *Educação e os estudos atuais sobre letramento*. Perspectiva, v. 25, n. 01, p. 209-224, 2007.

FARACO, C. A. *Ensinar X não ensinar gramática: ainda cabe esta questão?*. Calidoscópico, São Leopoldo (RS), volume 04, nº 01, 2003, p. 15-26.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 2.ed. Campinas: Pontes Unicamp, 1992.

KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes: Unicamp, 1993.

KLEIMAN, A. *Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola*. In: _____ (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.



KLEIMAN, B.; SEPULVEDA, C. *Oficina de gramática: metalinguagem para principiantes*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEF, 1999.

MARTELLOTA, M. E. *Manual de Linguística*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

PERINI, M. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.

SAITO, Fabiano Santos; SOUZA, Patrícia Nora de. *(Multi)letramento(s) digital(is): por uma revisão de literatura crítica*. Linguagens e diálogos, v. 2, n. 1, p. 109-143, 2011.

SILVA, S. B. *As contribuições da teoria dos multiletramentos na formação do professor de língua inglesa no ensino básico: reflexões iniciais*. Revista X, v. 1, p. 61-75, 2012

SILVA, W. M. *A aula debate como fonte de mobilização de saberes*. In: ARAÚJO, D. L.; SILVA, W. M. (orgs.). *Oralidade em foco: Conceitos, descrição e experiências de ensino*. Campina grande: Bagagem, 2013. 246p.

SILVA, Williany Miranda. *Blogs pedagógicos e práticas digitais: links para a ação docente*. Hipertextus Revista Digital: www.hipertextus.net, v.12, Julho. 2014

STREET, B. L. *theory and practice*. Cambridge, 1984.

TARDIFF, M. LESSARD, C. *A escola como organização do trabalho docente*. in.: *o trabalho docente: elementos para uma teoria da docencia como profissão dos interações humanas* Petrópolis, Ed.vozes, 5a 55-80.

VAL, Maria da Graça Costa. *O que é ser alfabetizado e letrado?* 2004. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de (org.). *Práticas de Leitura e Escrita*. 1. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

VIGOTSKY, L. S.; COLE, M. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.